

FUTEBOL E POLÍTICA: PERFIL DE INTEGRANTES DE COLETIVOS ATIVISTAS DE TORCEDORES DA CIDADE DE SÃO PAULO

Felipe Tavares Lopes¹

Resumo: Neste artigo, objetivo apresentar e analisar o perfil dos integrantes de três coletivos ativistas de torcedores da cidade de São Paulo, a saber: o Coletivo Democracia Corinthiana, o Bloco Tricolor Antifa e o Porcomunas. Para alcançar esse objetivo, apliquei 25 questionários em uma amostra não probabilística por conveniência. A partir das informações obtidas por meio desses questionários, examinei as características sociodemográficas e político-ideológicas de tais integrantes, seus vínculos com outras instituições sociais, seus hábitos e sua relação com seus próprios coletivos.

Palavras-chave: Futebol; Política; Ativismo; Coletivos.

Football and Politics: Profile of Members of Supporters' Activist Collectives in São Paulo City

Abstract: This paper aims to present and analyze the profile of the members of three supporter activist collectives in the city of São Paulo: Coletivo Democracia Corinthiana, Bloco Tricolor Antifa and Porcomunas. To achieve this goal, I applied 25 questionnaires in a non-probabilistic sample by convenience. Based on the information obtained through these questionnaires, I examined the socio-demographic and political-ideological characteristics of such members, their ties with other social institutions, their habits and their relationship with their own collectives.

Keywords: Football; Politics; Activism; Collectives.

Introdução

Neste artigo, apresento um recorte de uma pesquisa mais ampla² sobre três coletivos ativistas de torcedores(as)³ (CATs) da cidade de São Paulo: o Coletivo Democracia Corinthiana (CDC), formado por torcedores do Corinthians, o Bloco Tricolor Antifa (BTA), formado por torcedores do São Paulo, e o Porcomunas (PC), formado por torcedores do Palmeiras. Os CATs emergiram em meados da década de 2010, durante o processo de tramitação do *impeachment*

¹ Professor Doutor I da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - Departamento de Educação Física e Humanidades Email: lopesftp@gmail.com

² Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro concedido para a realização de tal pesquisa.

³ A partir daqui, a fim de aliviar o corpo do texto, abandonarei a fórmula “o(a)” e adotarei o genérico masculino.

de Dilma Rousseff (PT), ganhando projeção nacional na chamada Primavera das Torcidas Antifascistas, em 2020, quando, ao lado de setores progressistas das torcidas organizadas (TOs), saíram às ruas para se contrapor ao governo Jair Bolsonaro (2019-2022), devido à sua (desastrosa) gestão da pandemia de Covid-19 e seus arroubos autoritários. Naquele momento, vale recordar, grupos de radicais bolsonaristas faziam, semanalmente, manifestações de rua a favor de pautas antidemocráticas, como a volta do regime militar (1964-1985).

Diferentemente do que poderíamos crer, os CATs não constituem uma espécie particular de TO, buscando acompanhar e apoiar um clube de futebol onde quer que ele jogue. Na verdade, seu objetivo principal é promover algum tipo de mudança social – seja por meio da realização de atividades solidárias e de inclusão social, seja através da organização de eventos de formação política, seja por meio da participação em protestos e manifestações de rua em geral. Também cabe destacar que, como a maior parte dos coletivos, os CATs constituem experiências caracterizadas “[...] por um menor grau de formalização, destituídas de hierarquia e liderança formal/vertical, pautadas na horizontalidade e no trabalho colaborativo, dentre outras características distintivas” (MARQUES; MARX, 2020, p. 4). Seria um equívoco, no entanto, crer que esses coletivos formam um universo monolítico.

Entre os principais tipos de CATs, destaco: 1 – aqueles que focalizam as causas associadas à luta pelo reconhecimento, ou seja, pela afirmação da diversidade das identidades étnico-raciais, sexuais e de gênero na sociedade e no universo do futebol, em particular; 2 – aqueles que limitam sua esfera de ação a questões diretamente vinculadas ao seu clube; 3 – aqueles que costumam se autointitular “antifas”, adotando a plataforma dos grupos antifascistas militantes e combatendo, principalmente nas arquibancadas, indivíduos e organizações de extrema direita e 4 – aqueles que possuem uma atuação “[...] mais voltadas aos ambientes da esquerda institucionalizada, como manifestações de rua, movimentos sociais e até mesmo a interação com integrantes de diferentes partidos políticos (ZARAMELLA, 2022, p. 158). O CDC e o PC podem ser inseridos nessa quarta categoria. Já o BTA adota um modelo mais híbrido, mesclando elementos da terceira e da quarta categoria. Por exemplo, embora se

autointitule “antifa”, não adota os combates diretos (corporais e armados) como estratégia de ação contra indivíduos ou organizações de extrema direita.

Devido à relevância dos CATs para a análise das relações entre futebol e política, eles despertaram a atenção de alguns pesquisadores (SIMÕES, 2017; LOPES; HOLLANDA, 2018a; LOPES; HOLLANDA, 2018b; LOPES; CORDEIRO, 2020; SOUZA JÚNIOR, 2020; GOMES, 2020; PINHEIRO, 2020; RONCHETE, 2021; LOPES IÑIGUEZ-RUEDA, 2022; LOPES; DIAS; PENTEADO, 2022; ZARAMELLA, 2022), que se debruçaram sobre as lutas, práticas e representações de seus integrantes. Há, no entanto, uma lacuna na literatura: a de estudos que procuram delimitar seu perfil. Diante disso, neste artigo, tenho como objetivo apresentar e analisar o perfil dos integrantes dos três coletivos pesquisados (CDC, BTA e PC). Antes de começar a desenvolver essa análise, é preciso, no entanto, fazer alguns esclarecimentos metodológicos.

Procedimentos metodológicos

A fim de alcançar o objetivo proposto, apliquei um total de 25 questionários em integrantes do CDC, do BTA e do PC. Escolhi pesquisar esses coletivos especificamente pois, além de se mostrarem dispostos a participar da pesquisa, desde seu nascimento, têm participado, sistematicamente, de marchas, protestos e manifestações de rua em geral, além de desenvolverem diversos projetos de inclusão social e de conscientização política. Em outras palavras, eles não são coletivos virtuais, que têm seu campo de ação limitado às redes sociais digitais. Embora compreenda e valorize a experiência desses últimos coletivos, queria mergulhar naqueles que também se colocam nas ruas, nos estádios, na cidade, enfim.

A aplicação dos questionários foi feita de forma presencial em cinco ocasiões distintas: um campeonato de futebol com refugiados, um protesto contra o governo Bolsonaro, uma manifestação contra a privatização do Estádio do Pacaembu, um “faixaço” e em uma entrevista em um bar. A amostra da pesquisa, cabe destacar, é não probabilística por conveniência, ou seja, selecionei uma amostra da população de torcedores que estava disponível. Certamente, para termos uma visão mais precisa do perfil da população dos CATs em geral, precisaríamos de uma amostra maior e mais diversificada. Os 25 respondentes

não são representativos, do ponto de vista estatístico, dessa população. Por outro lado, eles podem nos oferecer uma visão adequada dos membros dos coletivos pesquisados – especialmente, daqueles mais ativos.

Importante destacar que apenas 2 respondentes são do PC. Isso se deve pois, nos eventos que contaram com um número maior de integrantes do coletivo, não tive a oportunidade de aplicar o questionário. E, nos demais eventos, o grupo estava representado por apenas 1 pessoa. Diante disso, deixei os questionários no bar por eles frequentado, uma vez que um dos integrantes se ofereceu para aplicá-los. Todavia, não obtive retorno. Não vejo, no entanto, esse baixo número de respondentes como um problema, pois minha intenção não é estabelecer comparações entre os coletivos, mas tomá-los como um todo.

Basicamente, nos eventos supramencionados, pedi para que os integrantes que já conhecia do BTA, do CDC e do PC que respondessem ao questionário e me apresentassem aos demais presentes, a fim de convidá-los para também responder os questionários. Dada essa relação de confiança, nenhum deles se recusou. Com base em outra pesquisa qualitativa com torcedores de futebol (TEIXEIRA et al., 2021), elaborei um questionário que continha 18 questões abertas e fechadas, a serem respondidas de forma anônima. Elas foram redigidas em linguagem clara e objetiva e levavam em torno de 5 a 10 minutos para serem respondidas. Tais questões buscavam conhecer o perfil dos torcedores estudados, focalizando suas características sociodemográficas, seus hábitos, seus vínculos com outras organizações (partidos políticos e movimentos sociais) e sua relação com seu coletivo.

Com os questionários “em mãos” e uma vez organizadas em gráficos as informações obtidas por meio deles, busquei desenvolver algumas análises comparativas, a fim de iluminar as particularidades dos integrantes dos coletivos pesquisados. Por exemplo, comparei algumas práticas desses integrantes com as de torcedores organizados. Cabe destacar que não fiz comparações com integrantes de outros CATs, pois, na revisão bibliográfica realizada, não localizei nenhum *survey* sobre o tema. Trata-se, portanto, de uma lacuna na literatura científica que busco começar a preencher.

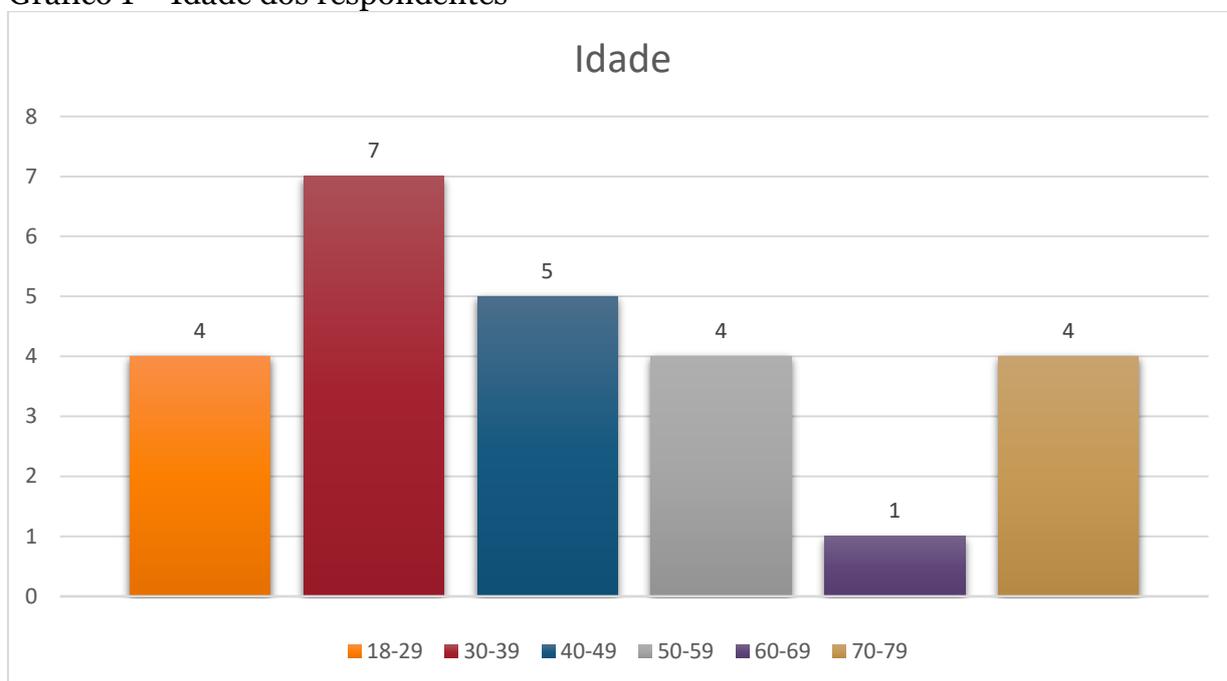
Resultados e discussão

Uma vez apresentados os procedimentos metodológicos adotados, apresento e analiso os resultados da pesquisa.

Características sociodemográficas e político-ideológicas

Em relação às características sociodemográficas dos integrantes dos coletivos pesquisados, começo pela análise dos dados relativos à sua idade, representados no gráfico 1.

Gráfico 1 – Idade dos respondentes



Fonte: elaboração própria

Os primeiros aspectos a serem destacados é que, dos 25 respondentes, nenhum é menor de idade (o mais jovem tinha 19 anos) e que apenas 4 deles (16%) possuem entre 18 e 29 anos – mesmo número daqueles que possuem entre 50 e 59 e daqueles que possuem mais de 70. Também podemos observar uma maior concentração de respondentes na faixa dos 30 a 39 anos (28%), seguida por aqueles que possuem de 40 a 49 anos (20%). Em outras palavras, quase metade dos respondentes (48%) possui de 30 a 49 anos. Não à toa, a média de idade dos respondentes é de 45 anos. Outra informação relevante é que aqueles que tem 50 anos ou mais constituem 36% do total.

Essas informações rompem uma expectativa de que os coletivos pesquisados seriam constituídos, principalmente, por adolescentes e jovens, dado o perfil dos integrantes dos novos movimentos sociais – ou novíssimos movimentos sociais, nas palavras de Gohn (2018). De acordo com a autora, uma pesquisa do Datafolha, realizada em junho de 2013, constatou que, nas manifestações em São Paulo, a maioria dos participantes tinha menos de 25 anos (53%). Também indicou que uma pesquisa nacional, realizada pelo IBOPE no mesmo período, apontou que a idade predominante estava na faixa de 14 a 24 anos (43%), sendo que, entre 14 e 29 anos de idade, a soma sobe para 63% do total.

O perfil etário dos integrantes dos coletivos pesquisados também é significativamente mais elevado do que o dos membros das TOs. Por exemplo, ao pesquisar a idade das lideranças dessas torcidas, Teixeira e colaboradores (2022) indicam que mais da metade delas (52%) tem até 30 anos de idade e que somente 2% possuem mais de 50 anos. Se considerarmos a base da composição da pirâmide hierárquica dessas torcidas, a diferença etária entre seus integrantes e o dos coletivos pesquisados é ainda maior: a pesquisa de Hollanda e Medeiros (2016), por exemplo, mostra que, em São Paulo, 67% dessa base tem até 30 anos – proporção que é ainda maior no Rio de Janeiro (87%). Já a pesquisa de Silva e colaboradores (2012), realizada com torcedores organizados da cidade de Belo Horizonte, indica que mais da metade (55,8%) desses torcedores possui até 24 anos e apenas 1,9% possui mais do que 50.

A elevada idade dos integrantes dos coletivos pesquisados, ao menos se comparada com a dos agrupamentos supramencionados, contribui para desmistificar a ideia de que os afazeres da vida adulta afastam as pessoas de atividades (não remuneradas) que exigem organização coletiva e investimento de tempo⁴. Se a maior parte dos integrantes dos coletivos pesquisados não vai ao estádio mais de uma vez por mês, conforme retomarei, eles participam, de forma

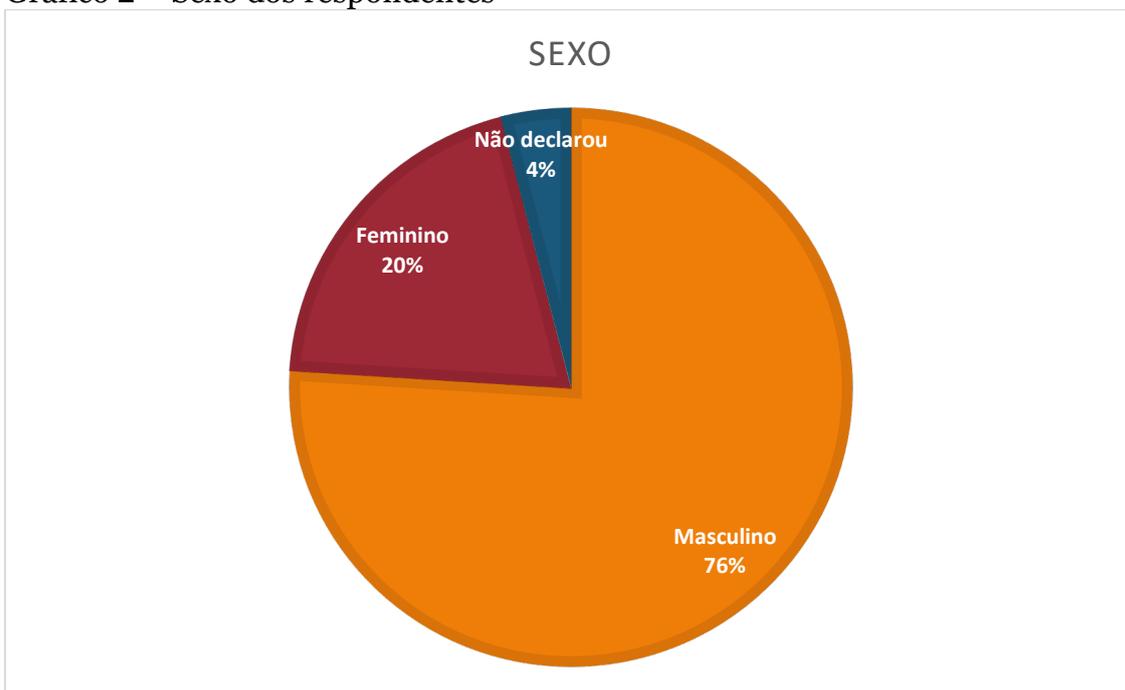
⁴ Certamente, o uso do tempo livre por parte dos jovens e adultos varia de acordo com gênero, raça, classe social e outros fatores. De qualquer modo, é possível supor que as pressões da vida adulta (filhos, casamento, trabalho etc.) tendem a diminuir o tempo livre daqueles jovens que o dispõem. Tanto que tais pressões afastaram, no caso específico do universo do futebol, as lideranças das primeiras torcidas organizadas, do início dos anos 1940, de suas associações, o que fez com que várias delas encerrassem suas atividades (CANALE, 2020).

sistemática, de manifestações de rua e de outras atividades que requerem tempo – e, mais ainda, que envolvem certo risco. Embora atuem na legalidade e não busquem confrontos físicos, os referidos coletivos, ao organizarem e participarem de manifestações de rua, estão sempre sujeitos a repressões e violências – tanto por parte de grupos da extrema direita quanto por parte da polícia.

De qualquer modo, seria interessante, em estudos futuros, buscar identificar o perfil etário de outros CATs e compreender se há diferenças entre eles e se elas podem ser explicadas pelos seus objetivos e modos de operação. Outro ponto que merece ser aprofundado diz respeito ao “peso” da variável idade no acesso às posições de poder dos coletivos pesquisados. Aqui, minhas hipóteses são: primeira, que os referidos coletivos são, sim, caracterizados por assimetrias relativamente permanentes baseadas no fator idade – ainda que essas assimetrias sejam pouco visíveis, possuam diferentes “pesos” dentro de cada um desses coletivos e não tenham, nem de longe, a mesma importância que as assimetrias baseadas no fator sexo/gênero têm para a estruturação das TOs. Segunda, que aqueles integrantes que possuem mais idade ocupam a posição de dominantes nessas assimetrias, possuindo, por conseguinte, mais chances de intervir nos rumos dos coletivos e em suas consequências. E terceira, que tais assimetrias podem, portanto, ajudar a explicar a opção dos coletivos em questão por atuar de forma mais voltada aos ambientes da esquerda institucionalizada, rejeitando o enfrentamento direto com organizações de extrema direita.

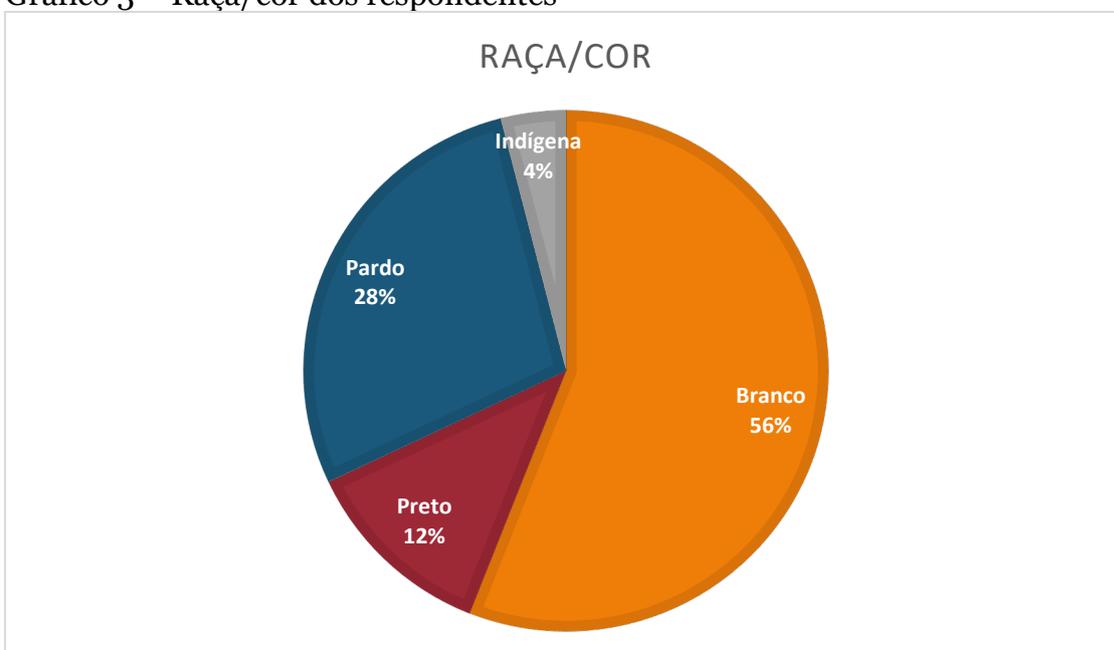
Além do perfil etário, outras questões a serem analisadas dizem respeito aos dados relativos ao sexo e à raça/cor dos respondentes, representados nos gráficos 2 e 3.

Gráfico 2 – Sexo dos respondentes



Fonte: elaboração própria

Gráfico 3 – Raça/cor dos respondentes



Fonte: elaboração própria

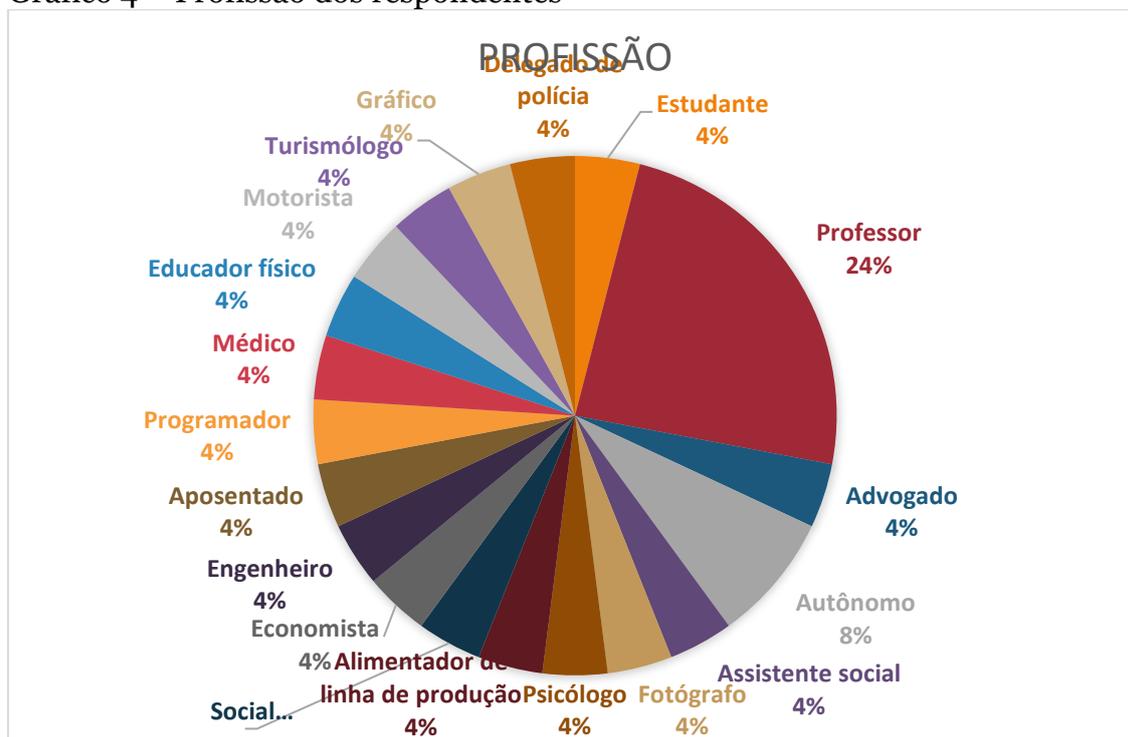
No que diz respeito ao gráfico 2, é interessante notar que há uma sub-representação das mulheres. Basta recordar que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, 51,1% da população brasileira era do sexo feminino (IBGE, 2021). Apesar dessa sub-representação, há uma maior participação de mulheres nos coletivos pesquisados do que nas TOs. Tanto que, na pesquisa de Teixeira e colaboradores (2022), apenas 1 de 64 lideranças respondentes (1,5%) é do sexo feminino. Já a pesquisa de Hollanda e Medeiros (2016) aponta que, na base torcedora, 90% dos integrantes das TOs do Rio de Janeiro e 86% dos membros das de São Paulo são homens. Por sua vez, a pesquisa de Silva e colaboradores (2012) indica que 78% dos membros das TOs belo-horizontinas são homens. De qualquer modo, tal sub-representação não deixa de ser indicativa de que, mesmo em um ambiente progressista, o espaço da política e o universo do futebol ainda são áreas majoritariamente masculinas. No entanto, embora sub-representadas, as mulheres (ou, ao menos, algumas delas) ocupam posições de liderança nos coletivos pesquisados.

No que diz respeito ao gráfico 3, é relevante notar que as pessoas brancas estão sobre-representadas, se considerarmos o seu percentual na população brasileira e, também, nas TOs. De acordo com a PNAD de 2021 (IBGE, 2021), 43% dos brasileiros se declaram brancos – número inferior aos que se declaram pardos (47%). Já os brasileiros que se declaram pretos são 9,1%⁵. Em relação às TOs, o estudo de Silva e colaboradores (2012) mostra que 34% dos membros das associações belo-horizontinas se declaram brancos, 37% pardos, 22% pretos, 6% amarelos e 1% indígena. Já o de Teixeira e colaboradores (2022) identificou que 55% das lideranças de torcidas se classificam como brancas. Este último número é bem próximo ao dos coletivos pesquisados e mostra que, embora a base torcedora seja, em sua maioria, não-branca, nas lideranças isso não ocorre – o que é indicativo de que o racismo pode ser um fenômeno mais presente nas organizadas do que se supõe.

Outra variável pesquisada foi a profissão dos integrantes dos coletivos pesquisados, expressa no gráfico 4.

⁵ A PNAD (IBGE, 2021) não apresenta dados quantitativos sobre a população indígena do país, portanto, não é possível estabelecer uma comparação.

Gráfico 4 – Profissão dos respondentes

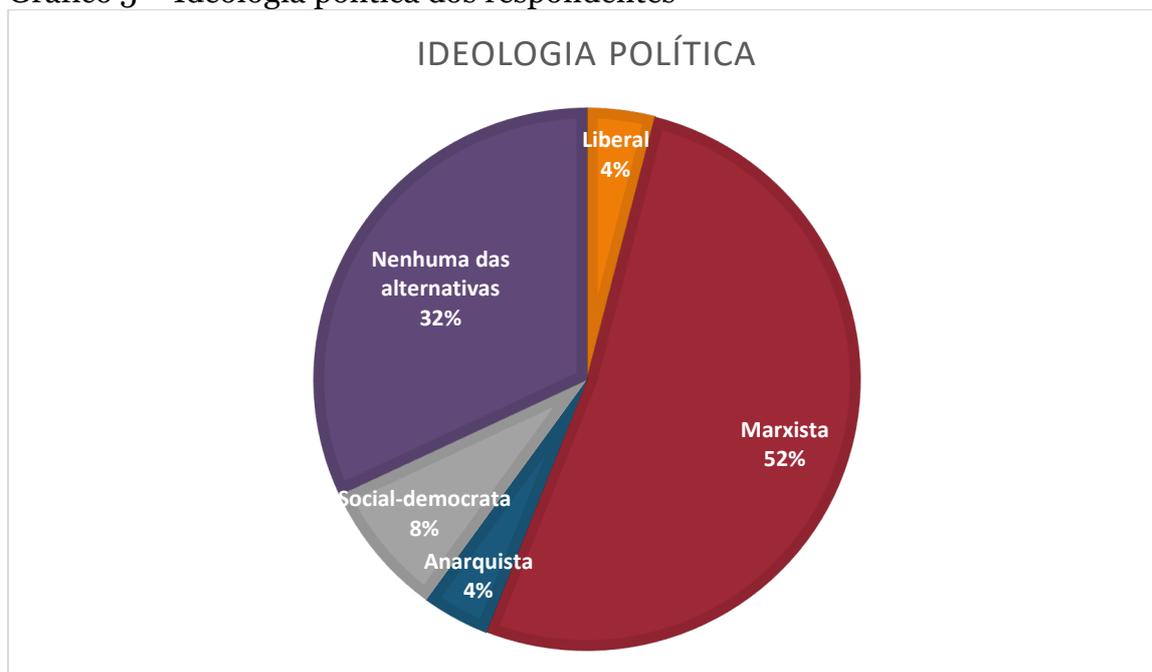


Fonte: elaboração própria

Notemos que, entre as profissões mencionadas, destaca-se a de professor. Esta engloba quase um quarto do total – o que sugere não apenas o engajamento político desse profissional no contexto pesquisado, mas que ele não, necessariamente, compreende o futebol como o “ópio do povo”. Se assim o compreendesse, não teria um envolvimento afetivo com ele. Provavelmente por serem instituições com pessoas mais jovens, nas TOs, destacam-se os estudantes: estes são 23% das associações de Belo Horizonte (SILVA et al, 2012), 26% das do Rio de Janeiro e 7% das de São Paulo (HOLLANDA; MEDEIROS, 2016).

Em relação à ideologia política dos integrantes dos coletivos pesquisados, é possível observar – conforme indica o gráfico 5 – que uma parte considerável deles se declara marxista.

Gráfico 5 – Ideologia política dos respondentes



Fonte: elaboração própria

O fato de mais da metade dos respondentes ter se declarado marxista não chega a ser surpreendente, dado que os coletivos a que pertencem se dizem de esquerda. Pela mesma razão, também não é surpreendente o fato de que alguns deles tenham se declarado social-democratas. Diria que, na verdade, mais surpreendente é a alta porcentagem de respondentes que afirmam não se identificar com nenhuma das ideologias políticas indicadas. Embora, evidentemente, esse ponto tenha de ser melhor pesquisado, uma hipótese para essa falta de identificação seja a existência de uma certa crise das ideologias-políticas tradicionais, incapazes de oferecerem identidade e unidade até mesmo em ambientes fortemente politizados.

Outra hipótese – que, em alguma medida, está relacionada com a anterior – é que, no contexto estudado, uma parte dos ativistas dispõe apenas de orientações políticas vagas, ainda não muito elaboradas, servindo-se mais de intuições morais sobre o certo e o errado. Essa “vaguidade ideológica” já foi constatada por outros pesquisadores em outros grupos de ativistas. Por exemplo, de acordo com Jasper (2016, p. 122), um estudo do movimento antiaborto, com dezenas de ativistas, mostra que “[...] a maioria deles não tinha claras posições antiaborto no momento em que se envolveram; alguns eram até moderadamente

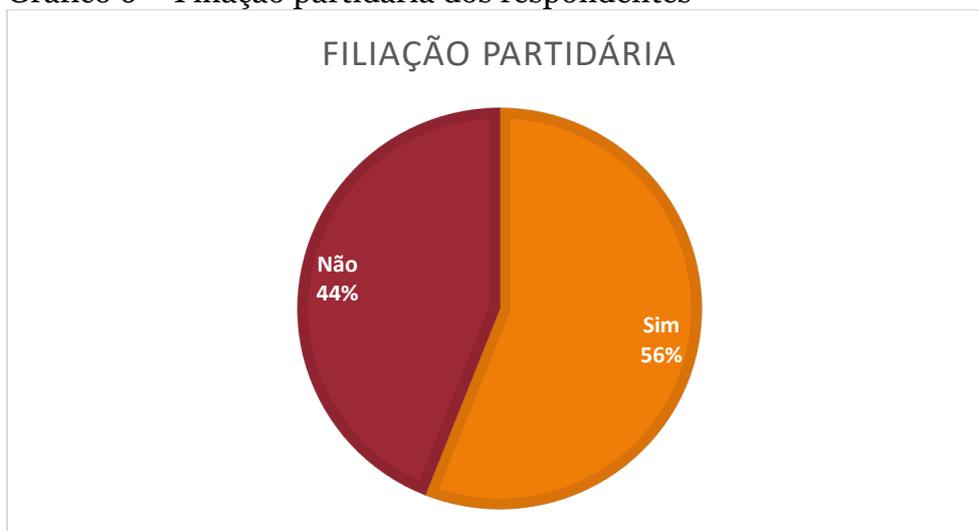
pró-escolha”. Sua posição antiaborto, segue o autor, desenvolveu-se ao longo do tempo, a partir do contato com outros ativistas e com materiais sobre o tema (filmes, livros, artigos etc.). Importante notar que metade dos respondentes que disseram não possuir nenhuma ideologia política tinha menos de 1 ano de coletivo. Sendo assim, seria interessante verificar, em estudos futuros, até que ponto essas instituições podem ser um espaço de aprendizagem política, capazes de transformarem sentimentos vagos em ideologias mais definidas.

Outro dado surpreendente é a baixa porcentagem de anarquistas, uma vez que os novos coletivos e movimentos políticos costumam abrigá-los em seus “quadros” (GOHN, 2008). Provavelmente, essa baixa porcentagem pode ser explicada pelo fato de que os coletivos pesquisados não rejeitam a mediação política e optam pela via “institucional”, que inclui o diálogo e, até mesmo, algumas parcerias com o Estado – práticas que são fortemente rejeitadas pelo anarquismo. Também é surpreendente o fato de um respondente ter se declarado liberal, ainda mais tendo em vista que ele pertence ao BTA. Afinal, as organizações antifascistas militantes costumam adotar uma perspectiva antiliberal (BRAY, 2017).

Vínculos com outras instituições sociais

Uma vez analisadas as características sociodemográficas e político-ideológicas dos integrantes dos coletivos pesquisados, cabe, agora, discutir seus vínculos com outras instituições sociais. Começo pelos dados relativos à sua filiação partidária e participação em movimentos sociais. Dados apresentados nos gráficos 6 e 7.

Gráfico 6 – Filiação partidária dos respondentes



Fonte: elaboração própria

Gráfico 7 – Participação dos respondentes em movimentos sociais



Fonte: elaboração própria

No que diz respeito ao gráfico 6, podemos observar que mais da metade dos respondentes é filiada a partidos políticos. Esse dado indica que, ao menos no contexto estudado, não há uma rejeição à mediação e às organizações políticas “tradicionais”; ao contrário, em tal contexto, há uma forte adesão a elas. Na verdade, o que parece ocorrer é que os partidos políticos não são vistos pelos integrantes dos coletivos pesquisados como a única ou principal forma de militância política, mas como instituições que podem conviver, harmonicamente,

com outros tipos de organização política. Aqui, é importante recordar que o marxismo – principal ideologia política desses integrantes – jamais rejeitou a importância desses partidos. Ao contrário, a organização das massas trabalhadoras, sob a condução de um partido, é, para Marx (e seus herdeiros), fundamental para o desenvolvimento do processo revolucionário, como já indicava o Manifesto do Partido Comunista (MARX; ENGELS, 1848/2002).

Além da alta porcentagem de filiados políticos, existem outros indicativos de que os integrantes dos coletivos pesquisados não rejeitam a figura dos políticos e dos partidos. Por exemplo, tanto o CDC quanto o PC ganharam forma justamente nas manifestações contra o *impeachment* da Dilma. Ainda, tanto o BTA quanto o CDC apoiaram, desde o primeiro turno, a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (PT) à presidência da República nas eleições de 2022⁶. Inclusive, o Lula é uma figura bastante presente e celebrada nas redes sociais digitais do CDC. Aqui, vale destacar que, na sua pesquisa sobre o ciberativismo dos CATs nas eleições de 2018, Ronchete (2021) já havia identificado mensagens de apoio desses coletivos a políticos – mais exatamente, ao então candidato Fernando Haddad (PT).

No que diz respeito ao gráfico 7, podemos observar que 60% dos respondentes (15) atuam em movimentos sociais. Importante observar que, desses 15 respondentes, 5 deles (20%) indicaram – na pergunta subsequente, que pedia para especificar o movimento social do qual participam – o próprio coletivo. Esse dado é relevante, pois mostra que uma parcela dos integrantes dos coletivos pesquisados compreende esses coletivos como um movimento social, ainda que possuam características distintas dos movimentos sociais ditos “clássicos”. Também é importante notar que, desses 5 respondentes, 3 deles (12%) indicaram unicamente o próprio coletivo (havia a possibilidade de indicar mais de um movimento). Sendo assim, podemos afirmar que “apenas” 12 respondentes (48%) militam em outra(s) organização(ões), tais como: sindicatos (como o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP), movimentos feministas, movimentos ligados à educação, blocos

⁶ O PC, segundo o que me foi dito em entrevista, acabou “rachando” no primeiro turno, pois havia uma rejeição, principalmente por parte da ala mais jovem do coletivo, à figura de Geraldo Alckmin (PSB), vice de Lula.

autônomos, combativos e ambientais, grupos de assistência a pessoas em situação de rua, organizações não-governamentais (ONGs), o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), a Comissão Brasileira Paz e Justiça (CBJP), a Frente em Defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), o Cozinha Solidária e o Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB).

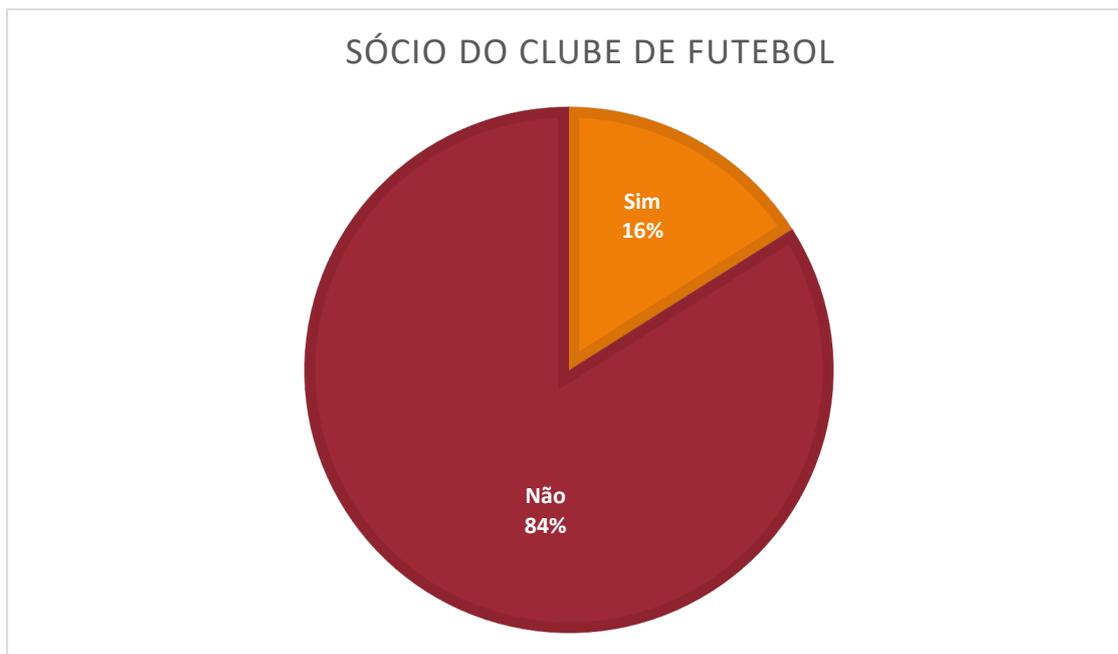
Diante dessa multiplicidade de movimentos e tendo em vista que 19 respondentes (76%) possuem filiação partidária e/ou participam de outro movimento social além do próprio coletivo, é possível afirmar que, de modo geral, os integrantes dos coletivos pesquisados circulam por várias organizações políticas. Longe de ser o único, seu ativismo nesses coletivos é mais um (para alguns, certamente, o principal). Mas, se, por um lado, muitos respondentes participam de outras organizações “políticas”; por outro, apenas uma pequena parcela deles é filiada a uma TO e/ou a um clube de futebol, conforme mostram os gráficos 8 e 9.

Gráfico 8 – Respondentes associados a torcidas organizadas



Fonte: elaboração própria

Gráfico 9 – Respondentes associados ao seu clube de futebol



Fonte: elaboração própria

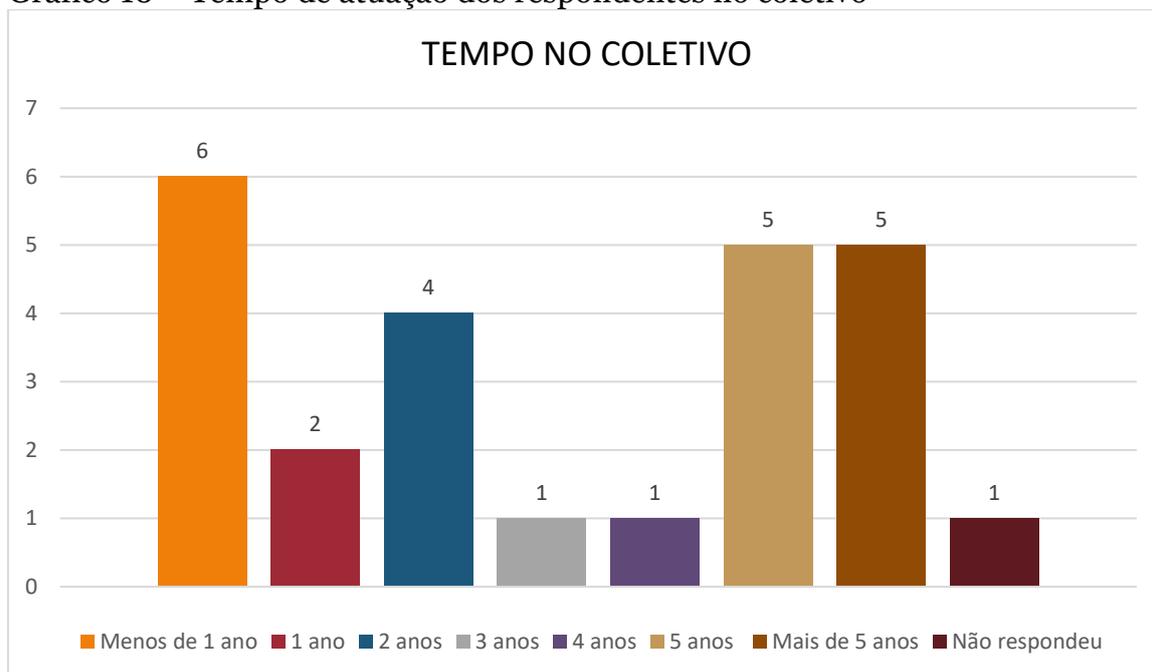
Essa (pequena) porcentagem de respondentes filiados a TOs e a clubes de futebol é sugestiva de que sua experiência em organização coletiva se deu, principalmente, a partir de sua trajetória e de sua circulação em organizações políticas. Também é sugestivo o fato de que a grande maioria dos integrantes dos coletivos pesquisados não participa do dia-a-dia dessas torcidas e desses clubes, fazendo crer que eles não são uma fonte de socialização central para esses integrantes. Aqui, vale sublinhar que, no caso dos torcedores organizados (ao menos no das lideranças), há uma vinculação institucional mais forte com o clube. De acordo com Teixeira e colaboradores (2021), dessas lideranças, 81% delas é sócia proprietária e 75% sócia torcedora⁷.

Hábitos e formas de relacionamento com os coletivos

Até aqui, apresentei e analisei alguns dados referentes às características e vínculos dos integrantes dos coletivos pesquisados, agora, volto minha atenção para alguns de seus hábitos e formas de relacionamento com esses próprios coletivos. Começo pelos gráficos 10, 11 e 12.

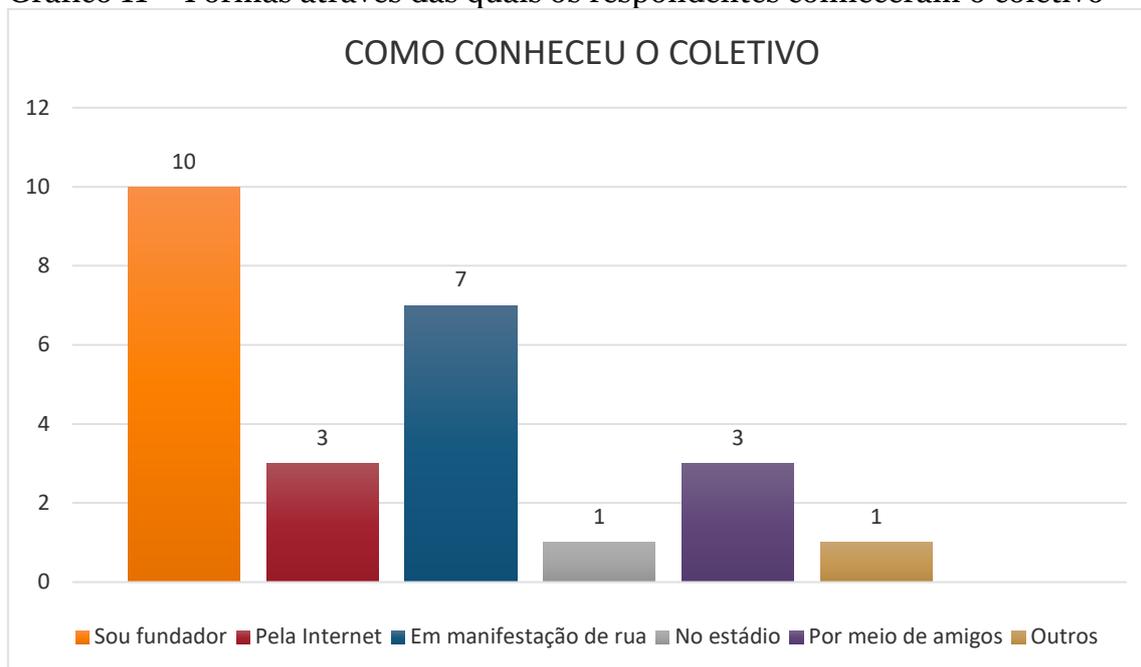
⁷ Esta última modalidade de associação é mais recente e, em geral, dá direito a compra antecipada de partidas e a descontos, mas não dá direito a voto.

Gráfico 10 – Tempo de atuação dos respondentes no coletivo



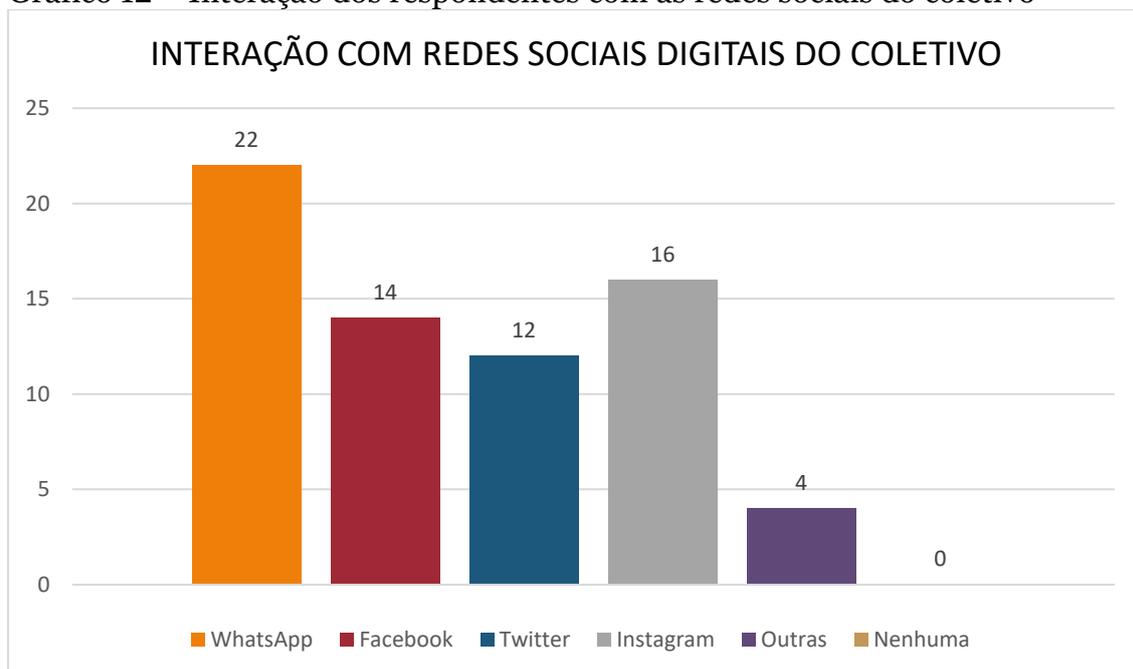
Fonte: elaboração própria

Gráfico 11 – Formas através das quais os respondentes conheceram o coletivo



Fonte: elaboração própria

Gráfico 12 – Interação dos respondentes com as redes sociais do coletivo



Fonte: elaboração própria

No que diz respeito ao tempo em que os respondentes pertencem ao coletivo, podemos observar que quase metade deles (48%) está há menos de 3 anos – sendo que 24%, está há menos de 6 meses. Em relação a estes últimos, todos pertencem ao BTA, o que é explicado pelo fato de ele ser um coletivo mais jovem do que o CDC e do que o PC, que tinha aproximadamente um ano de existência quando apliquei os questionários. É interessante observar, ainda, que 3 respondentes do BTA indicaram um tempo de pertencimento superior ao da própria fundação do coletivo – o que sugere que, do seu ponto de vista, este já existia no seu processo de elaboração. Vale notar que o mesmo ocorreu com alguns respondentes do CDC e do PC e que a grande maioria deles (77% do total dos 2 coletivos) indicou estar há 5 anos ou mais – o que sugere que esta não é uma atividade passageira para eles.

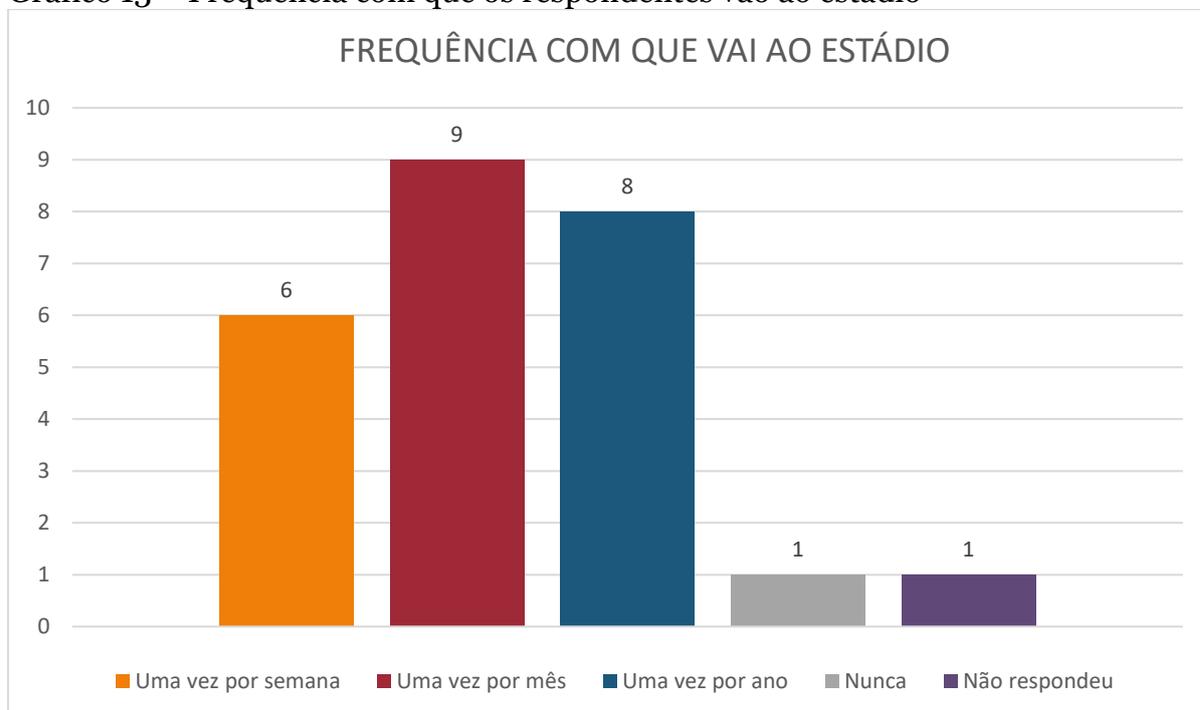
Em relação à forma como os respondentes conheceram o coletivo, 10 indicaram (40%) ser um dos seus fundadores. Se desconsiderarmos esses 10 fundadores, podemos dizer que quase metade (46%) do restante de respondentes (15) conheceu o grupo em uma manifestação de rua – o que indica a relevância desse espaço para o recrutamento de novos integrantes. Por outro lado, apenas 1 respondente afirma tê-lo conhecido no estádio – o que, por sua vez, indica a

irrelevância desse espaço. Por fim, 3 respondentes (20%) afirmam tê-lo conhecido através de amigos e outros 3 na Internet – o que mostra que as redes sociais digitais não são a principal forma de recrutamento.

Apesar de não serem a principal forma de recrutamento, as redes sociais digitais são fundamentais para a organização e para a socialização dos integrantes dos coletivos pesquisados. Tanto que todos os respondentes afirmam interagir com ao menos uma das redes do seu coletivo e a grande maioria (80%), com mais de uma. Como mostra o gráfico 12, a principal rede utilizada é o WhatsApp: 88% dos respondentes afirmam participar do grupo de WhatsApp do seu coletivo. Já o Instagram, o Facebook e o Twitter são utilizados por 64%, 56% e 48% dos respondentes respectivamente.

Como antecipei, os estádios de futebol não são um espaço de relevo para o recrutamento dos integrantes dos coletivos pesquisados. Isso não significa, no entanto, que não sejam por eles frequentados nem que não constituam um espaço de socialização entre eles, conforme sugerem os gráficos 13 e 14.

Gráfico 13 – Frequência com que os respondentes vão ao estádio



Fonte: elaboração própria

Gráfico 14 – Modos como os respondentes vão ao estádio



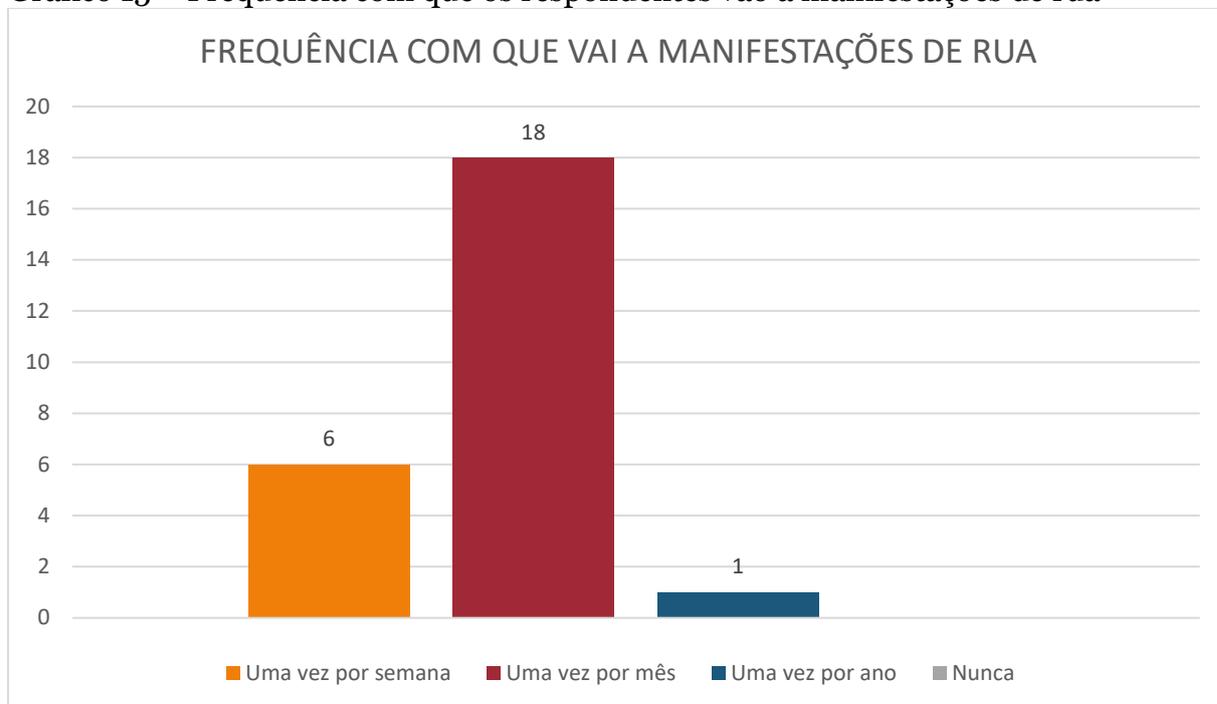
Fonte: elaboração própria

Notemos que a maior parte dos respondentes (68%) afirma que vai uma vez por mês ao estádio (36%) ou uma vez por ano (32%). Aqueles que afirmam ir a jogos uma vez por semana são 24%. Embora este número não seja nada desprezível – provavelmente sendo muito superior ao da população de torcedores em geral (ainda que não tenha encontrado nenhuma pesquisa sobre o tema, esta parece uma suposição razoável) –, ele, como era de se esperar, é significativamente menor do que o das lideranças de TOs. Muitas destas afirmam ir a todos os jogos do clube (31%) ou, ao menos, a todos os jogos como mandante (53%)⁸ (TEIXEIRA et. al, 2022). Outra diferença importante é que, enquanto a maior parte dos respondentes (60%) afirma ir somente às vezes acompanhado de outros integrantes do coletivo aos estádios, 94% das referidas lideranças afirmam assistir sempre aos jogos nos estádios juntas a suas associações (os outros 6% afirmam quase sempre). Esses dados reforçam a impressão de que, embora sejam um espaço de socialização importante para os coletivos pesquisados, os estádios de futebol possuem, nesse aspecto, uma relevância maior para as TOs.

⁸ Recordando que, durante uma temporada, um clube de futebol joga, em média, de uma a duas vezes por semana.

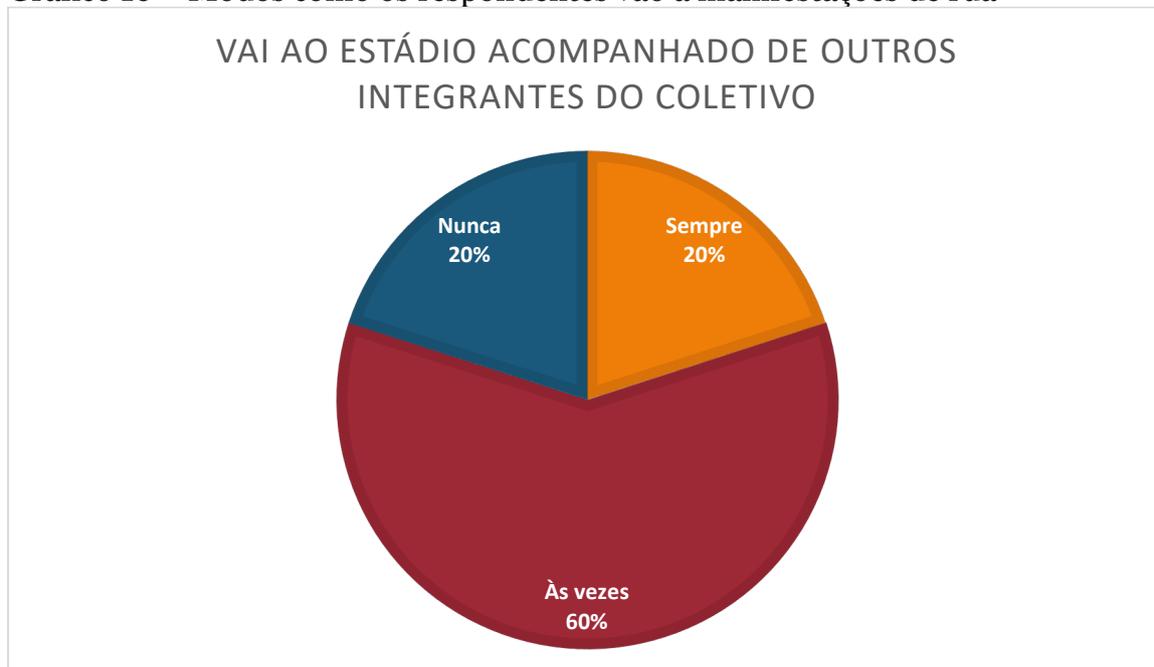
Conforme indicam os gráficos 15 e 16, o cenário muda um pouco de figura quando o assunto é manifestação de rua.

Gráfico 15 – Frequência com que os respondentes vão a manifestações de rua



Fonte: elaboração própria

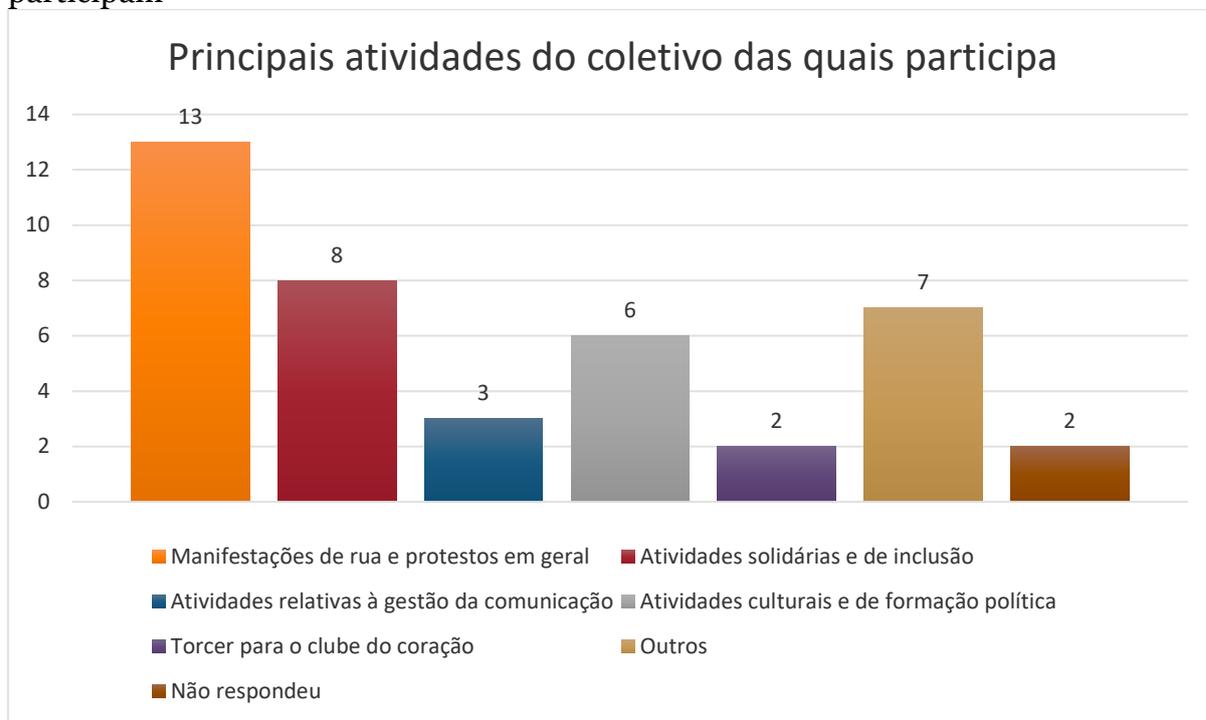
Gráfico 16 – Modos como os respondentes vão a manifestações de rua



Fonte: elaboração própria

Aqui, é importante, antes de tudo, fazer um pequeno esclarecimento metodológico. Alguns (poucos) respondentes alegaram certa dificuldade para responder à questão relativa ao gráfico 15, pois a frequência com que vão a manifestações de rua pode variar de acordo com o momento político. Assim, para facilitar o preenchimento do questionário, sugeri que fizessem uma média aproximada, tomando como base o número de vezes que vão em um ano. Feito esse esclarecimento, destaco que a porcentagem de respondentes que afirma ir a manifestações uma vez por semana (24%) é idêntica àquela que afirma ir uma vez por semana ao estádio – sendo que metade desses respondentes (12%) afirma fazer as duas coisas. No entanto, a porcentagem de respondentes que alega ir a manifestações uma vez por mês (72%) é o dobro daquela que alega ir ao estádio com a mesma frequência (36%). Importante notar, também, que nenhum respondente disse nunca ir a manifestações de rua e apenas 1 deles (4%) afirma ir apenas uma vez por ano. Outra diferença relevante é que, enquanto apenas 20% dos respondentes afirmam ir sempre acompanhados de outros integrantes ao estádio, 64% dizem fazer o mesmo quando vão a uma manifestação. Essas diferenças são indicativas de que as manifestações de rua constituem um espaço de socialização mais importante para os coletivos do que os estádios. Além disso, elas são uma das principais atividades para muitos deles, conforme mostra o gráfico 17.

Gráfico 17 – Principais atividades do coletivo das quais os respondentes participam



Fonte: elaboração própria

Notemos que, além de ir a manifestações de rua e protestos em geral (52%), uma quantidade significativa de respondentes menciona, entre as principais atividades do coletivo das quais participa, atividades solidárias e de inclusão (32%) e atividades culturais e de formação política (24%). Também observo que 12% incluem atividades de gestão da comunicação, o que sugere certa preocupação com a questão. Outros 8% incluem torcer para o clube do coração. A questão 17, vale sublinhar, era aberta e as categorias indicadas no gráfico foram por mim criadas a partir das respostas oferecidas.

Considerações finais

Neste artigo, busquei apresentar e analisar o perfil dos integrantes do CDC, BTA e PC, debruçando-me sobre suas características sociodemográficas e político-ideológicas, seus vínculos com outras instituições sociais, seus hábitos e sua relação com seus próprios coletivos. A partir de tal análise, podemos afirmar que o integrante “médio” é homem, branco, professor, marxista, possui 45 anos e

é um dos fundadores do seu coletivo. Ele possui filiação partidária, mas não pertence a nenhuma TO nem é sócio do clube pelo qual torce. Ademais, participa, em média, há 3 anos do coletivo, interage com mais de uma de suas redes sociais digitais (especialmente com o WhatsApp) e vai uma vez por mês ao estádio e a manifestações de rua – no segundo caso, sempre acompanhado de outro integrante. Certamente, a delimitação desse perfil nos ajuda a conhecer melhor quem são os integrantes dos CATs e a identificar algumas de suas semelhanças e diferenças com outros grupos sociais, como as TOs. No entanto, para que possamos fazer avançar o conhecimento sobre o tema, é necessário, conforme já antecipei, que desenvolvamos novos estudos, com amostras mais amplas e diversas, que contemplem não apenas outros modelos de CATs, mas, também, outras regiões do Brasil.

Para finalizar, destaco que, com este artigo, espero ter contribuído, de algum modo, para desconstruir a imagem caricata do torcedor-alienado, difundida, com certa frequência, pela própria literatura acadêmica. Longe de ter sua capacidade de pensar anestesiada, atrofiada ou, até mesmo, eliminada pelo “esporte bretão”, os integrantes dos coletivos pesquisados são pessoas profundamente politizadas e engajadas na transformação da ordem social (capitalista) e das diferentes formas de opressão, exploração e injustiça que a caracterizam. Diante disso, podemos afirmar que a (desgastada) metáfora do “ópio do povo” não pode ser aplicada no contexto pesquisado sem que incorramos em equívocos e mal-entendidos. Certamente, o futebol pode estabelecer e sustentar relações de dominação em determinados momentos e lugares específicos. No entanto, não podemos perder de vista que ele também pode, como no caso estudado, contribuir para aglutinar as forças de resistência, municinando a dissidência política.

Referências

BRAY, Mark. **Antifa**: el manual antifascista. Madrid: Capitán Swing, 2017.

CANALE, Vitor. **Um movimento em muitas cores**: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 - Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). 340 f. Tese (Doutorado em História, Política, Bens Culturais e Projetos). Centro de Pesquisa

e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2020.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**. v. 31, n. 2, 2018, p. 117-133.

_____. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGS e redes solidárias**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, Vitor. **A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro**. (Dissertação em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Violência, juventude e idolatria clubística: uma pesquisa quantitativa com torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. **Revista Hydra**, v. 1, n. 2, 2016, p. 97-125.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Fútbol, política e historia en Brasil: análisis de un manifiesto de hinchas antifascistas. **Quaderns de Psicologia**. v. 22, n. 1, p. 1-18, 2020.

LOPES, Felipe Tavares Paes; DIAS, Camila Caldeira Nunes; PENTEADO, Claudio Luis Camargo. Torcedores de futebol e ativismo esportivo: uma análise da agenda política e das formas de atuação do Bloco Tricolor Antifa. **Recorde** - Revista de História do Esporte, v. 15, 2022, p. 1-23.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**. v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018a.

_____. “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. **Revista Estudios Brasileños**. v. 5, n. 10, p. 159-175, 2018b.

LOPES, Felipe Tavares Paes; INIGUEZ-RUEDA, Lupicínio. Futebol, ativismo e resistência: uma análise (crítica) de discurso de páginas do Facebook de torcidas antifascistas de São Paulo (2019-2020). **Discurso & Sociedad**, v. 16, 2022, p. 420-441.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: características gerais dos moradores 2020-2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/07/populacao-ibge-2021-22jul2022.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MARQUES, Marcelo de Souza; MARX, Vanessa. Os coletivos em cena: algumas contribuições para o debate. **Simbiótica**. v. 03, n. 03, 2020, p. 8-32.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas:** das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020). 2020. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

RONCHETE, Nathalia. Ciberativismo das torcidas antifascistas nas eleições de 2018: uma análise quantitativa. **FuLiA-UFMG**. v. 06, n. 01, p. 6-27, 2021.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus rebeldes:** novas culturas torcedoras nas arenas do futebol. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SOUZA JÚNIOR, OSMAR Moreira. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. **Motricidades**. v. 4, n. 2, p. 199-213, 2020.

SILVA, Silvio Ricardo da et al. Torcedores organizados em Belo Horizonte. In: SILVA, Silvio Ricicardo et. al (Orgs.). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 23-48.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara et al. I Censo Anatorg: análise do perfil de lideranças de torcidas organizadas. **FuLiA/UFMG**. v. 06, n.01, 2021, p. 110-136.

ZARAMELLA, Micael. **No gramado em que a luta o aguarda:** antifascismo e a disputa pela democracia no Palmeiras. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.